MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

O estranho hebraísmo duma inscrição… em latim!

José d'Encarnação

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2025

Título: O estranho hebraísmo duma inscrição…em latim!
Edição: Academia das Ciências de Lisboa
Data de edição: 2025
DOI: https://doi.org/10.58164/3j3p-jy04

O estranho hebraísmo duma inscrição… em latim!

José d'Encarnação

1. TAMPAS SEPULCRAIS EPIGRAFADAS

Queiramos ou não, os monumentos epigráficos fazem parte do nosso quotidiano, sem que disso, mui provavelmente, nem sempre demos conta consciente. Ele são os cartazes publicitários (inclusive, agora, os digitais!); ele são as placas toponímicas; os ex-votos e tábuas de milagres em recônditas ermidas de devoção; os epitáfios dos nossos cemitérios…

Mensagens explícitas transmitem; ao epigrafista, porém, não é apenas o explícito que interessa, porque, como pessoa de cultura, procura ir ao fundo da questão: a rua tem esse nome porquê? Quando lhe foi dado? Em que circunstâncias sociopolíticas? De quem terá partido a iniciativa? E porque é que estoutra tem dois nomes, o antigo e o actual?

Facilmente se compreende que é nos cemitérios o maior manancial de epígrafes. E se a fórmula D. E. P. — "descanse em paz" — pode ser típica dum concelho, também pode acontecer que determinada tipologia se haja tornado comum naqueloutro.

Independentemente de, em epitáfios, amiúde se proclamar «eterna saudade», o mais normal, em campas não perpétuas, é que essa declaração com característica de eternidade acabe por desaparecer após o período habitual dos cinco-seis anos necessários para se proceder à exumação das ossadas…

Tal não acontece, todavia, às sepulturas das nossas igrejas, onde, por outro lado, o contínuo pisoteio dos fiéis paulatinamente desgasta o recorte dos caracteres. Daí que seja preocupação actual e urgente dos zeladores do património local proceder ao levantamento desses elementos — escritos e iconográficos — para que a memória se não esvaia.

Se tal desiderato se preconiza para os templos de Portugal Continental, uma campanha para salvaguardar o espólio epigráfico das igrejas e capelas erguidas nas antigas colónias portuguesas afigura-se também imprescindível. Recordo amiúde a fotografia que Maria Júlia Fernandes teve ocasião de me dar a conhecer

(Figura 1), colhida numa das suas viagens jornalísticas à antiga Índia portuguesa: o chão da igreja do convento dos Agostinhos, em Baçaim, pejado de bem significativas tampas de sepultura com seus brasões e dizeres, que iria de seguida ser completamente cimentado! Memória que se perdeu. Irremediavelmente!

Figura 1. O pavimento da capela dos Agostinhos, em Baçaim. Foto – Júlia Fernandes.

Compreende-se, por conseguinte, que, tendo chegado ao meu conhecimento, através do meu antigo aluno — e agora assíduo colaborador — José Carlos Santos, de Moimenta da Beira, de que, em determinada capela, havia uma inscrição em hebraico, todas as diligências se fizeram, de imediato, para saber do que é que efectivamente se tratava.

Dada a sua singularidade, propus, por isso, a sua apresentação na sessão da Classe de Letras do dia 7 de Junho de 2020, até para que se permitisse melhorar as primeiras reflexões que se nos haviam afigurado oportunas[1].

2. A TAMPA EPIGRAFADA DA CAPELA DE ARCOS

Ao descrever a capela seiscentista de Santo António, sita em Arcos, concelho de Tabuaço, escreveu Gonçalves Monteiro: "No centro existe uma sepultura com

[1] Encarnação (José d') e Santos (José Carlos), «Estranha epígrafe no concelho de Tabuaço», *Antrope* 11, Dezembro 2019, p. 7-15. http://hdl.handle.net/10316/88691.

tampa artística, em granito, contendo inscrições (em hebraico?)"[2], de que apresenta, na página seguinte, desenho "à mão o mais fielmente possível" (Figura 2).

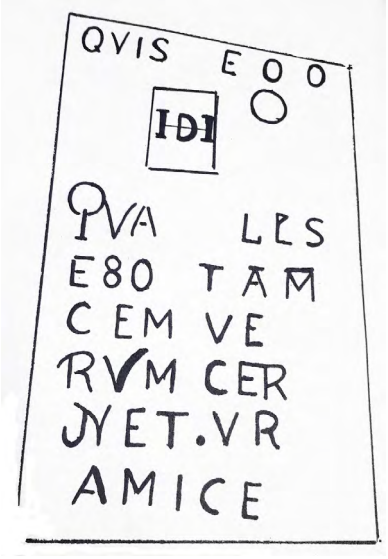

Figura 2. A epígrafe, segundo Gonçalves Monteiro.

Essa informação acabaria por ser transcrita *ipsis verbis* sempre que vinha ao caso aludir à capela: aí «existe também uma lápide em granito, com tampa artística com inscrições, talvez em hebraico», por exemplo. Importava, pois, esclarecer o mistério.

Estamos perante uma placa de granito amarelo, de grão fino/médio, com 200 x 80 cm.

O texto que ostenta lê-se sem dificuldade (Figura 3):

QVIS EOO [*sic*]/QVALLS [*sic*]/E8O [*sic*]: TAN/DEM VE/[5]RVM CER/NETVR/AMICE

Estranha-se, na l. 3, o signo grafado como o numeral 8, mormente por estar seguido de um O ou de um 0, o que daria 80. Decerto quem copiou o letreiro não compreendia o que estava a escrever; por outro lado, o facto de, na l. 4, o **d** estar em minúscula permite-nos pensar que a minuta poderia ter-lhe sido apresentada em minúsculas.

[2] Monteiro (J. Gonçalves), *Tabuaço* (*Esboços para uma monografia*), Tabuaço, 1991, p. 371.

Figura 3. A tampa epigrafada. Foto – JCS.

Em **EOO** (l.1), o segundo **O** está a mais, decerto por distracção, uma repetição que por vezes ocorre em epigrafia; e o **8** será má leitura do **g**, patente em minúscula na minuta. **EO** poderia ser o advérbio **eo**, que tem, entre outros, o significado de "a esse lugar", "a este estado", "a tal ponto"; mais fácil será, todavia, optar pelo ablativo do pronome demonstrativo *is,* "a este".

Propor-se-ia, por consequência, a seguinte interpretação, em frase corrida:

Quis eo qualis ego, tandem verum cernetur, amice!

Uma frase deveras sintética, passível de traduzir-se assim:

"Quem a este estado como eu, então a verdade será revelada, amigo!".

Ou seja, por outras palavras, uma sentença colocada em lugar de relevo na igreja, num simulacro de campa com livro aberto, como se do livro a frase viesse:

«Quem, como eu, a este estado chegar, então a verdade será revelada, amigo!»

E de imediato nos ocorrem dois conhecidos paralelos:

– a frase inscrita no ossário da igreja de S. Francisco em Évora, "Nós, ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos" (Figura 4), um diálogo entre

os de Além e os passantes, como também na época romana era costume nos epitáfios…

Figura 4. A legenda da Capela dos Ossos, em Évora. Foto – JdE..

– o que se lê, sob a representação de uma caveira, na lápide de um antigo cemitério de Cascais (Figura 5):

Ó tu, que me vês aqui,
Assim feia com sobejo,
Vigia, olha por ti:
Tu te vês qual eu me vi
Ver-te-hás qual eu me vejo.

Um ensinamento a perpassar pelos séculos…

Do ponto de vista cultural, acrescentar-se-á que toda a frase denota bons conhecimentos do latim. Assim, está apropriado o uso do verbo *cernere*, que significa «discernir com o intelecto», isto é, um discernimento profundo, definitivo; e, por outro lado, também a expressão *qualis ego* encontra bastantes paralelos em textos antigos: nas comédias de Terêncio, nas *Confissões* de S. Agostinho…

Em suma: a epígrafe não está em hebraico e detém mui significativo alcance histórico-cultural, mas… em latim!

Figura 5. A lápide do cemitério de Cascais. Foto – CMC.

***

Estávamos certos de que ousáramos uma interpretação. Regozijo-me, conseguintemente, por esta apresentação ter surtido o efeito que se pretendia: provocar novas reflexões.

Cumpre-me, assim, agradecer ao confrade e meu muito prezado Amigo Doutor Aires do Nascimento o cuidado tido em pensar maduramente sobre o tema. Com sua autorização e sob proposta minha, é o seu texto que ora segue, qual testemunho vivo — muito me congratulo! — da característica maior da Academia: ser lugar privilegiado para a partilha de conhecimentos!

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 7 DE JULHO DE 2020

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 5 DE JUNHO DE 2022

* A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.